Ser um dia a montanha, no outro a marreta

To one day be the rock, the next the sledgehammer

Camilla Amaral Rossi[1]

Resumo

O seguinte trabalho foi desenvolvido em uma disciplina ministrada pela professora Martha Ribeiro (PPGCA-UFF/PPGAC-UFRJ), a partir de um exercício de compostagem no qual os alunos, mestrandos e doutorandos, compartilharam objetos de afeto e suas respectivas histórias com a turma. A partir dessas sementes, cada aluno escreveu sua própria fabulação, fertilizada com o húmus das histórias de todos nós. Amparada por discussões em aula sobre narrativas que colocam o ser humano fora do centro (Ursula K. Le Guin, Donna Haraway, Diana Taylor), e refletindo sobre as violências éticas em nossas relações a partir de Butler, me propus a explorar uma ficção do ponto de vista de uma pedra.

Palavras-chave: Ficção especulativa; Solo; Compostagem.

Abstract

The following text was created in a discipline taught by Professor Martha Ribeiro (PPGCA-UFF/PPGAC-UFRJ), based on a composting exercise in which students, who are taking master's degrees and doctorates, shared objects of affection and their respective stories with the class. From those seeds, each student wrote their own story, fertilized with the humus of all of our stories. Supported by classroom discussions on narratives that move away humans from the center (Ursula K. Le Guin, Donna Haraway, Diana Taylor), and reflecting on ethical violence in our relationships based on Butler, I experimented with a fiction story from the point of view of a rock.

Keywords: Speculative fiction; Soil; Composting.

[1] Atriz, graduada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA-UFF). Utiliza o nome artístico Camilla Del Negri. E-mail: camilladelnegri@gmail.com.

Sou pedra.

Recebemos muitos nomes. Mas como tudo que há, sou simplesmente isto. Algo neste mundo. Não há pedra que se confunda com outra quando se tem o olhar apurado. Cada uma é única e parte de um igual. Não nos damos nome, mas ainda assim nos reconhecemos. Nós não temos olhos, mas podemos enxergar. O olhar humano é curioso, como duas pequenas pedras brilhantes. Mas estas, não podem ver muito bem.

Uma pedra é tão imóvel quanto o tempo. Não se enxerga algo como o tempo, e mesmo assim, ele não para de andar. Vim de um lugar e fui para outro, e outro, e outro. Há pedras que atravessam continentes, países e estados, e também as que ficam escondidas por eras. Mesmo no escuro de uma pequena caixa, percorri longa distância. Estar parado é apenas uma falsa impressão. Montanhas inteiras caminham a passos largos todos os dias. Montanhas sem pernas podem caminhar, e humanos, com olhos, não podem ver.[2]

Não apenas estou no mundo há milhões de anos, como tenho em mim milhões de histórias do mundo. Esta é uma delas, esta é a minha, em uma língua que se possa entender, mesmo que pouco. Toda história é importante, e toda história não importa. As montanhas continuam andando quando ninguém vê.

Todas as pedras são parentes mais ou menos distantes, assim como tudo que há, e podem se juntar em casamentos distintos. Algumas são filhas do calor e do magma, outras do frio, outras do vento ou da água. As pedras se transformam a todo tempo, e deixam de ser pedras, e voltam a ser pedras de novo. Muitas ficam bem pequenininhas, parecem nunca crescer, apenas diminuir, mas então viram areia, e então crescem. Quando juntas, todas as pedras conversam entre si, muito e o tempo todo, trocando informações sem nenhum propósito específico. Toda pedra carrega histórias que a maioria das pessoas não sabe compreender. Por isso, A Areia guarda infinitas grandes e pequenas histórias de seres vivos e não vivos, como um tipo de inconsciente coletivo.

O que a maioria dos humanos não sabem é que as pedras não apenas carregam histórias antigas, como absorvem novas. É como absorver raios de sol. Quando alguém dotado de grande sentimento, grande intenção e grande concentração toca em uma pedra, há grandes chances de seus pensamentos ficarem gravados nela. Esses pensamentos se

[2] Referência ao Sansuikyō, ou *Sutra das montanhas e águas*, escrito pelo mestre zen-budista japonês Dōgen Zenji, que diz que as montanhas azuis caminham incessantemente, mesmo que as pessoas não percebam seu caminhar (cf. Okumura, 2018).

escrevem na pedra, misturando-se com tudo o que há dentro dela. Algumas frases, memórias ou situações são cortadas, carecem de sentido, e se gravam uma por cima das outras. Há também outra possibilidade, cuja chance é menor: a leitura. Apenas um ser humano soube entender o que me estava escrito, e então teve a chance de ver o que foi dito e o que foi feito, e aqui está a tradução disso.

Três pedras viviam juntas dentro de uma caixa. A caixa ficou fechada por muito tempo. Vez ou outra, a caixa balançava. Quando nos chocamos, perdemos uma parte de nós, pequenos pedacinhos. Perdemos um pouco e ganhamos um pouco.

Eu e as outras pedras fomos coletadas como um presente de um humano para outro, uma espécie de enfeite ou lembrança. Temos origens em lugares semelhantes, embora sejamos todas diferentes. Fomos escolhidas a dedo como pequenos tesouros. Eram dedos pequenos. Ela corria muito rápido. Seus dedos estavam enrugados de água. Ela segurou esta pedra com força e, pressionando contra a superfície da areia, abriu caminhos entre histórias não ouvidas. A criança contava a história de um gato falante feito de gelo, seu lugar favorito era a praia. Uma bruxa ofereceu a ele a opção de se tornar um gato de verdade para tomar sol na praia todos os dias. Ele se recusou. Seu desejo não era visitar a praia, mas tornar-se parte dela. O gato de gelo foi ao mar e cresceu e cresceu. Suas orelhas pontudas furaram o céu, e fizeram o céu chorar. O gato virou o mar, e a bruxa virou um gato de verdade. Todos conseguiram o que queriam. Ela teria uma vida, e agora tem sete. Ele teria sete vidas, e agora, tem todas. A criança colecionava pedras como se fossem tesouros, mas eram apenas pedras. Essa é uma das primeiras histórias sobre o amor.

Um dia, a caixa caiu no mar e se abriu. Seguimos caminhos diferentes. Não caminhos que escolhemos, mas caminhos pelos quais as correntezas levaram. Dificilmente nos encontraremos de novo. Talvez algum dia, por acaso, mas nunca pelo mesmo caminho. Se soubesse como, perguntaria muitas coisas aos seres do mar. Eles iam e vinham, às vezes lá, às vezes não. No mar, já estive antes, por muito tempo.

O mar continuou caminhando para frente e para trás, sem nunca parar. Uma onda me jogou de volta à areia, uma claridade forte como não havia há muito tempo. Fiquei indo e voltando, indo e voltando. Até ser recolhida por uma mulher de maiô. Os mesmos dedos de tempos atrás, agora um pouco mais lentos, um pouco mais ásperos. Em seus pensamentos, havia flashes de imagens e palavras sem muito significado. Ela pensava que

queria ter um amor para entregar aquele achado tão bonito. Mas amor, ela não sabe o que é. Nem a pedra, nem a mulher.

O amor é algo que não se pode definir, mas existe. Está ligado à proximidade, à distância, ao calor, ao frio e a muitas coisas bastante particulares da vida. As pedras não têm vida, mas não deixam de tê-la. Já estive em contato com a vida muitas e muitas vezes. As pedras são os ossos da Terra, uma vida sem vida, um fóssil, um meteoro. Nós compomos a terra, e a terra aduba a terra.[3] A pedra é uma vida em potencial, pois tudo que não tem vida pode vir a ter, e tudo que tem vida deixará de tê-la. Tudo morre indefinidamente e nasce de novo, de outras maneiras. Uma dança entre o com-vida e o sem. Mas tudo isso demora um tempo muito, muito lento… As pedras se amam como a água ama as nuvens e o barro ama o tijolo. As pedras que estão ligadas permanecem para sempre ligadas, mas não há sofrimento em estar longe.

Ela pensava: "Existe alguma pessoa que, com a convivência, não fará eu me sentir a pior pessoa do mundo? Pensar que não, parece ao mesmo tempo, um conforto e uma tristeza". Seu pensamento era tão forte que se misturou aos meus e gravou-se em mim. Às vezes é impressionante como a água grita quando cai. Nesse dia, o mar falava bem alto, mas mesmo assim, seus pensamentos falavam mais alto ainda. Entendi que ela pensava no amor. Ela luta para não dividir constantemente as pessoas entre os bons e os maus. Eu não entendo. Sou apenas uma pedra.

Um dia aquela mulher teve três pedras, uma para cada amor. Hoje seus amores são diferentes, são outros. A pedra também não é a mais a mesma, e nem a mulher. Mas a mulher ainda é a criança, e a criança já era a mulher. E a pedra ainda é a mesma, mesmo que ela não saiba. O amor volta para ela de maneiras diferentes, assim como hoje sou uma pedra pequena, e serei ainda menor. Mas já fui a montanha e também a marreta,[4] assim como ela, várias e várias vezes.

---

[3] As rochas carregam, em maior ou menor quantidade, nutrientes essenciais ao solo, como cálcio, magnésio, potássio e fósforo (Lima; Lima, 2007, p. 3). Por isso, há uma técnica de fertilização denominada "rochagem", em que utiliza-se pó de rochas para adubar a terra. Em reportagem para o *Correio Braziliense*, Suzi Maria Córdova, pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB) define esse processo como "a fertilização da terra pela terra" (Adubo, 2009), pois os solos são formados, dentre outras coisas, de rochas que sofreram intemperismo ao longo de milhares de anos.

[4] Referência ao conto zen-budista "O quebrador de pedras". No conto, um humilde quebrador de pedras deseja uma vida diferente da sua. Ele deseja ser aquilo que observa como dotado de grande poder: primeiro um ministro, depois um príncipe, o sol, uma nuvem e uma montanha. Todos seus desejos são realizados instantaneamente e ele experimenta essas diferentes existências. Até que, sendo a montanha, ele percebe o quebrador de pedras a destruindo lentamente.

O mar, o céu e a areia eu conheço. Ela está à procura de algo que se chama amor, mas se ela tem pernas, pode procurá-lo. O amor não tem pernas para ir até você, ele vive dentro de você, e para encontrá-lo você precisa amar. Se a mulher de maiô se concentrasse, conseguiria visualizar essas e outras palavras dentro de mim. Mas talvez a busca por si só é onde ela queira estar.

A mulher joga-me ao mar novamente, onde tudo recomeça.

Referências da disciplina

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvi Libânio. Recife: Cepe, 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. The carrier bag theory of fiction. *In*: LE GUIN, Ursula K. **Dancing at the edge of the world**: thoughts on words, women, places. New York: Grove Press, 1989.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução de Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. Introdução de Juliana Fausto. Posfácio de Luciana Chieregati. São Paulo: n-1 edições, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, Martha. Interromper o espetáculo: o gesto político e estético das emoções. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 49 – 72, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/41744. Acesso em: 07 mar. 2026.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

Referências específicas deste texto

ADUBO de pedra: pesquisas em desenvolvimento no país buscam aprimorar a técnica de rochagem, que utiliza o pó de rochas como substituto dos fertilizantes químicos nas plantações. **Correio Braziliense**, 26 out. 2009. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2009/10/26/interna_ciencia_saude,150722/adubo-de-pedra.shtml. Acesso em: 7 jan. 2026.

LIMA, Valmiqui Costa; LIMA, Marcelo Ricardo de. Formação do solo. *In*: LIMA, Valmiqui Costa; LIMA, Marcelo Ricardo de; MELO, Vander de Freitas (Org.). **O solo no meio ambiente**: abordagem para professores do ensino fundamental e médio e alunos do ensino médio. Curitiba: UFPR, Depto de Solos e Eng. Agrícola, 2007. p. 1-10. Disponível em: http://www.mrlima.agrarias.ufpr.br/SEB/arquivos/formacao_solo.pdf. Acesso em: 8 jan. 2026.

OKUMURA, Shohaku. **The mountains and waters sutra: a practitioner's guide to Dogen's Sansuikyo**. Prólogo de Issho Fujita; editado por Shodo Spring; contribuições de Carl Bielefeldt e Gary Snyder. Somerville, MA: Wisdom Publications, 2018.

Submetido em: 06 mar. 2026
Aprovado em: 15 jun. 2026